



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

MARILÉIA FAUSTINO CARDOSO

**REFLEXÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Florianópolis
2013

MARILÉIA FAUSTINO CARDOSO

**REFLEXÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina. Orientadora Prof^a Dr^a Patrícia Laura Torriglia, Coorientadora Prof^a Dr^a Patrícia de Moraes Lima.

Florianópolis

2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas envolvidas nesse processo, professores do curso, que estiveram conosco desde a 1ª fase. E em especial a professora Patrícia de Moraes Lima por me orientar neste trabalho e por sua delicadeza neste processo respeitando minha escrita e contribuindo para qualificá-la, partilhando das minhas angústias, medos, desejos, ansiedades.

As colegas do curso, pelas trocas de experiências, choros, risos, angústias, desafios, encontros e desencontros. Agradecendo em especial minha companheira de trabalhos, dupla de estágio, Gigiane Paula Smolinski, pela sua paciência e amizade.

Aos meus familiares e amigos, que entenderam, enfrentaram e suportaram minhas ausências. A minha mãe que soube compreender este momento sempre me dando força. Em especial à memória de meu pai que pode acompanhar esta trajetória até a quarta fase, sempre orgulhoso por minhas conquistas.

Agradeço a todas as profissionais que nos receberam na creche pesquisada. Em especial, às crianças do grupo dois, que compartilharam momentos importantes em minha formação.

Agradeço também aos amigos e amigas da creche na qual trabalho pelo incentivo e carinho.

E, principalmente, ao Marcio, meu esposo, por todo nosso companheirismo, por todo nosso amor e por poder ceder o nosso tempo para os estudos, me incentivando sempre.

E por fim agradeço a Deus por ter me dado à oportunidade de construir um momento tão importante de minha historia com pessoas tão especiais.

*Ao contrário as cem existem
A criança é feita de cem
A criança tem cem mãos
Cem pensamentos
Cem modos de pensar
De jogar e de falar.
Cem sempre cem
Modos de escutar
As maravilhas de amar.
Cem alegrias para cantar e compreender.
Cem mundos para descobrir.
Cem mundos para inventar
Cem mundos para sonhar.
A criança tem
Cem linguagens
(e depois cem cem cem)
Mas roubaram-lhe noventa e nove.
A escola e a cultura lhe separam a cabeça do corpo.
Dizem-lhe:
De pensar sem as mãos
De fazer sem a cabeça
De escutar e não falar
De compreender sem alegrias
De amar e maravilhar-se só na Páscoa e no Natal.
Dizem-lhe:
De descobrir o mundo que já existe
E de cem roubaram-lhe noventa e nove.
Dizem-lhe:
Que o jogo e o trabalho
A realidade e a fantasia
A ciência e a imaginação
O céu e a terra
A razão e o sonho são coisas que não estão juntas.
Dizem-lhe: que as cem não existem
A criança diz: ao contrário as cem existem.*

Loris Malaguzzi

SUMÁRIO

1. INTRODUZINDO E JUSTIFICANDO O TEMA.....	06
1.1 Concepção de infância que norteia esta pesquisa.....	08
1.2 Produções e pesquisas sobre a organização do espaço na educação infantil.....	10
1.3 Reflexões sobre o espaço e suas contribuições para a ação pedagógica na Educação Infantil.....	12
2. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	18
2.1 Pesquisa na área da educação: aproximações com a pesquisa.....	18
2.2 O que significa pesquisar a infância.....	20
2.3 Campo de pesquisa.....	21
3. ANÁLISE DOS DADOS.....	23
3.1 Aproximando o olhar sobre a organização do espaço da unidade de Educação Infantil.....	23
3.2 A organização dos espaços a partir de uma ação pedagógica que reconhece a participação das crianças	29
3.3 Agência das crianças, planejamento e indicativos para pensar a organização do espaço.....	36
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

1. INTRODUZINDO E JUSTIFICANDO O TEMA

No Brasil, as crianças passam a ser consideradas legalmente como sujeitos de direitos somente com a constituição de 1988. Logo em seguida (1990) surge o Estatuto da Criança e do Adolescente reforçando esta conquista. Porém sabe-se que esses direitos ainda estão longe de alcançar todas as camadas sociais, principalmente àquelas que estão à margem, muitas invisíveis aos olhos da sociedade.

Respeitando as crianças como sujeitos plenos de direitos e considerando as instituições públicas de educação coletiva como um espaço privilegiado para garantir a elas o direito de aprender a ser criança e vivenciar sua infância neste lugar, que inicio o presente Trabalho de Conclusão do Curso (TCC).

Essa pesquisa tem como objetivo pesquisar como a organização do espaço contribui para a educação das crianças pequenas. Tendo como foco identificar como o espaço físico das instituições de educação para a pequena infância se converte em lugar de relações, garantidor dos direitos, necessidades e interesses das crianças que ali passam grande parte do seu dia. Tema que considero fundamental a ser pensado para uma prática política pedagógica que respeita os sujeitos que adentram os espaços das creches e pré-escolas como “sujeitos-criança” e não “sujeitos-aluno”.

Para dar curso à pesquisa, algumas questões foram formuladas: Como o espaço deve ser organizado para garantir experiências significativas para as crianças pequenas? Como a organização do espaço pode expressar a concepção de infância presente na ação do cuidar e educar das crianças pequenas? Como a organização do espaço deve ser pensada para que as crianças tenham o direito de vivenciar sua infância? O espaço da creche vem sendo pensado para as crianças, como sujeitos de direitos que vivenciam sua infância neste espaço institucional. Ou sua organização perpassa por uma lógica centrada nos adultos, garantindo disciplinamento dos corpos infantis que ali passam a maior parte dos seus dias? Como a organização do espaço pode se constituir como um terceiro educador nas creches, contribuindo no educar e cuidar das crianças pequenas?

Assim, sobre a pesquisa é importante ressaltar que sua organização se divide em três capítulos. O primeiro capítulo traz a concepção de criança e infância que norteia essa pesquisa. Concepção ancorada na compreensão da criança como sujeito de direito político e

social. Sujeito ativo em sua formação que já é alguém no momento presente e não um “vir a ser”. Trago também neste capítulo um breve estudo para identificar produções e pesquisas realizadas sobre a importância da organização do espaço na Educação Infantil durante os últimos cinco anos e contribuições de alguns autores que considero importante para refletir sobre o tema da pesquisa. Neste percurso alguns autores foram priorizados: AGOSTINHO (2004), BATISTA (1998), FARIA (1997), GUIMARÃES e LEITE (1999), PINTO (2007), SCHMITT (2011), buscando aprofundar o conhecimento sobre a importância da organização do espaço nas creches e pré-escolas.

A pesquisa segue curso com o segundo capítulo, contextualizando a abordagem metodológica, tendo como material empírico para análise o memorial construído durante o período de estágio em uma creche municipal pública de Florianópolis durante o primeiro semestre de 2012. Os instrumentos de análise foram a observação participante e os registros escritos, fotografados e os filmados, realizados durante o período em que estive em campo. O primeiro olhar teve como foco de observação a configuração arquitetônica da instituição, para em seguida analisar a sala do grupo G2 (grupo dos bebês), considerando-os sujeitos desta pesquisa.

Para finalizar, trago o terceiro capítulo com o objetivo de analisar e refletir sobre os dados registrados durante o período em que estive em campo. O estudo possibilita identificar como a organização do espaço neste lugar estava planejado e organizado para os bebês. Se sua configuração e organização física subsidiavam experiências diversificadas que levassem em conta as múltiplas linguagens das crianças. Em seguida, abordo contribuições a partir de uma concepção que compreende a organização dos espaços como fundamental para uma ação pedagógica que reconheça a participação das crianças. Por fim, trago para essa pesquisa a agência das crianças em seu processo de desenvolvimento e a importância do planejamento para pensar a organização do espaço para e com as crianças. Respeitando estes sujeitos de direitos com suas especificidades de múltiplas expressões e dimensões.

1.1 Concepções de infância que norteia esta pesquisa

O desenvolvimento desta pesquisa me fez refletir sobre o conhecimento adquirido acerca da concepção de infância durante todo este tempo de formação no curso de Pedagogia. O curso tem como um dos eixos principais de seu currículo as disciplinas de Educação e Infância¹ com o objetivo de formar profissionais na área da educação capazes de garantir em sua prática uma atuação político-pedagógica com qualidade, nas instituições que recebem crianças tão pequenas e que ali passam grande parte do seu dia. Entendemos durante este percurso, que as concepções sobre a infância são construídas social e historicamente, sofrendo mudanças ao longo dos tempos. Kramer (2007,14) afirma que:

A inserção concreta das crianças e seus papéis variam com as formas de organização da sociedade. Assim, a ideia de infância não existiu sempre da mesma maneira. Ao contrário, a noção de infância surgiu com a sociedade capitalista, urbano industrial, na medida em que mudavam a inserção e o papel social da criança na sua comunidade.

Segundo a autora, o conceito de infância que discutimos hoje, foi construído ao longo da história e partiu da afirmação de padrões de crianças das classes médias, no contexto histórico e social da modernidade, com a redução da mortalidade infantil, graças ao avanço da ciência e a mudanças econômicas e sociais (KRAMER, 2007, p.15). No entanto, é necessário pensar sobre os aspectos sociais, culturais e políticos diversos existentes em um país tão grande como o Brasil, para se falar de criança e infância respeitando seu contexto histórico, social e cultural.

No Brasil as crianças passam a ser consideradas como sujeitos de direitos somente a partir de 1988 com a Constituição. Em 1990, surge o Estatuto da Criança e do Adolescente, constituído para garantir os direitos das crianças de todas as camadas sociais. Surge então a infância como categoria- sujeitos de direitos, deixando de ser apenas dever da família cuidar da sua educação, passando a ser dever público do Estado. Pinto (2007, p. 95) ainda conclui sobre os direitos que:

Não podemos negar a importância de todas estas conquistas para as crianças em todo o mundo, particularmente para as crianças das camadas mais pobres da população brasileira. Mas, a realidade brasileira ainda está distante das metas traçadas para o cumprimento efetivo desses direitos.

¹ Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia (2008).

Considerando as crianças, como sujeitos plenos, entendemos que as instituições públicas e privadas de educação para a infância se constituem como um lugar privilegiado para garantir a estes sujeitos o direito de brincar, participar e aprender. Entendendo o brincar como condição de humanização e um direito social e constitucional da criança, passa a ser dever destas instituições garantir às crianças pequenas, tempos e espaços para vivenciarem sua infância em um lugar que possa educar e cuidar, compreendendo suas especificidades. Como nos refere Kramer (2007, p.15).

Reconhecemos o que é específico da infância: seu poder de imaginação, a fantasia, a criação, a brincadeira entendida como experiência de cultura. Crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são nela produzidas. Esse modo de ver as crianças favorece entendê-las e também ver o mundo a partir de seu ponto de vista. A infância, mas que estagio é categoria da historia: existe uma historia porque o homem tem infância. As crianças brincam isso é o que as caracteriza.

Portanto a concepção de infância que norteia esta pesquisa se ancora na compreensão da criança como sujeito de direito político e social. Sujeito ativo em sua formação que já é alguém no momento presente e não um vir a ser. Têm direitos de ser “[...] consultada e ouvida, de exercer sua liberdade de expressão e opinião, e o direito de tomar decisões em seu proveito” (CERISARA, 2002). Direito de brincar, se divertir, imaginar, criar fantasias, se movimentar, expressar, ter sonhos, desejos, vivenciando intensamente este momento tão importante de sua vida que está apenas começando, mas que deve ser vivenciada intensamente, pois a criança e a infância possuem valores em si mesmos. Para tanto se faz necessário romper com o conceito de criança como um ser incapaz que só vai ser alguém no futuro.

Essa pesquisa parte do princípio de que a criança sendo sujeito pleno, de direitos sociais, políticos, seres críticos, criativos, produtores de cultura, precisa ser educada e cuidada num espaço que atenda suas necessidades, interesses e direitos. Portanto, o espaço da Educação Infantil deve ser pensado e projetado para receber um “sujeito-criança” e não um “sujeito-aluno”. Organizando os tempos e espaços para e com elas, ambientado para se tornar instigador da curiosidade, da fantasia, das várias brincadeiras infantis, contribuindo assim para a formação da identidade da criança.

Considera-se o espaço de Educação Infantil um lugar privilegiado para este sujeito de pouca idade aprender a ser criança e vivenciar sua infância. A infância é o momento de se divertir, brincar, criar fantasias, viver o imaginário. Pois “[...] cada idade tem em si mesma, a

identidade própria, que exige uma educação própria, uma realização própria enquanto idade e não enquanto preparo para outra idade” (ARROYO, 1994, p.90). Ser criança é poder vivenciar o mundo do faz-de-conta junto com a vida real, é poder se expressar através das suas múltiplas linguagens: musical, artística, plástica, teatral, corporal, oral, dramática. Neste sentido, cabe aos profissionais de Educação Infantil ampliar, diversificar e complexificar o conhecimento dos pequenos, contribuir para a formação de sua identidade na relação com o outro de forma plena, proporcionando tempos/espços para que elas possam manifestar suas “cem linguagens²”.

Acreditamos que uma ação pedagógica que respeite a criança com sua especificidade própria tem como proposta organizar os tempos e espaços da Educação Infantil de maneira que a criança possa vivenciar sua infância neste lugar, possibilitando a expressão de suas cem linguagens, sem lhe cortar noventa e nove. Portanto, pressuponho que os professores e professoras da pequena infância devam corroborar para que os tempos e espaços das instituições infantis sejam organizados transformando-os em lugares onde a imaginação, a criatividade e a sensibilidade possam compor o educar e o cuidar. Que as crianças possam fazer parte deste processo de ambientação ressignificando o espaço da creche para além do uso e significado próprio dos adultos, transformando-o em um lugar próprio de suas brincadeiras, um lugar onde o educar e brincar possa acontecer de forma agradável com respeito profundo à infância, as suas muitas expressões e dimensões (AGOSTINHO, 2004). Onde o imaginário da criança tenha voz e vez.

1.2 Produções e pesquisas sobre a organização do espaço na Educação Infantil

Neste tópico tenho como objetivo identificar as produções e pesquisas realizadas sobre a importância da organização do espaço na Educação Infantil durante os últimos cinco anos (2008 a 2012) a partir de um levantamento na Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED).

Compreendendo a importância de ampliação de conhecimento e reflexão sobre a importância de pensarmos a organização do espaço nas práticas pedagógicas com as crianças pequenas, primeiramente procurei na ANPED, mais especificamente no GT 07 – Educação de

² Expressão utilizada por Loris Malaguzzi no poema do livro *As Cem Linguagens das Crianças*.

Crianças de 0 a 6 anos – produções científicas na área da educação referentes ao tema em estudo. Busquei na leitura dos resumos das produções, quais tinham proximidade com o tema. Para posteriormente analisar como vem sendo pensado e discutido durante o período mencionado, a organização do espaço na Educação Infantil. De acordo com os levantamentos elaborados neste estudo apenas uma produção referente à organização do espaço foi encontrada.

A bibliografia referente ao termo espaço trata-se de um trabalho realizado em 2012. As autoras Luciane Pandini Simiano e Carla Karnoppi Vasques, elaboraram um estudo intitulado “Sobre importâncias, medidas e encantamentos: o percurso constitutivo do espaço da creche em um lugar para os bebês” (*eu colocaria em letra minúscula*). Neste trabalho as autoras dissertam sobre a importância de se pensar e organizar os espaços da creche transformando-o em um lugar para acolher os bebês. Segundo as autoras: “É necessário ir além da materialidade. Olhar, valorar, as formas de ocupação e os sentidos estabelecidos entre bebês e adultos. Reconhecer a alteridade, a experiência. O sutil movimento do espaço constituindo-se em um lugar...” (SIMIANO; VASQUES, 2009, p. 02). A bibliografia segue com alguns questionamentos relevantes. “(...) o que diferencia uma sala de bebês de uma sala de crianças de três anos? Será que móveis, espelhos e brinquedos sensório motor expressam as peculiaridades de um espaço dos/para os bebês? O que singulariza uma sala de bebês para outra sala de bebês?” (SIMIANO; VASQUES, 2009, p. 01).

Também abordam a maneira como geralmente os profissionais organizam as salas para acolher os bebês. A falta de materiais e a forma de organização dos móveis relacionam-se à concepção de que os bebês necessitam de um espaço amplo, aberto vazio para desenvolver atividades corporais, físicas, ou então, pela tentativa de diminuir possíveis riscos físicos. (SIMIANO; VASQUES, 2009). Nesta organização está explícita a concepção de criança e infância dos profissionais e da instituição.

A pouca abordagem na área da educação sobre a importância da organização do espaço encontrado durante este tempo de pesquisa, me faz pensar como o tema vem sendo discutido na área e como os pesquisadores percebem suas contribuições para uma ação pedagógica que garanta os direitos, necessidades e interesses das crianças pequenas. No que diz respeito à educação, de acordo com a pesquisa realizada, o tema ainda é pouco estudado, o que justifica a pertinência da pesquisa e a relevância do aprofundamento deste tema. Neste sentido, a organização do espaço passa a ser um conceito que faz parte da constituição das crianças

pequenas nas instituições de educação para a infância. Em especial, em relação às experiências que elas vivenciam neste lugar. Portanto para compreender o que é espaço, busquei nos Dicionários de Filosofia e de Pedagogia a definição do próprio conceito. Japiassú e Marcondes (1934, p.88) definiram o conceito de espaço no Dicionário Básico de Filosofia como:

Em seu sentido geométrico, concepção abstrata de um ambiente vazio de todo conteúdo sensível e caracterizado pela continuidade, homogeneidade e tridimensionalidade. Filosoficamente, é o meio homogêneo e ilimitado, definido pela exterioridade mútua de suas partes (impenetrabilidade), contendo todas as extensões finitas e no qual a percepção externa situa os objetos sensíveis e seus movimentos. Para Kant, o espaço é uma “intuição pura” ou “uma forma a priori da sensibilidade”, quer dizer, não é uma construção do espírito nem tampouco uma realidade independente de nós, mas um dado original de nossa sensibilidade, algo que é constitutivo de nosso modo de perceber e sem o qual não poderíamos ter sensação distintas; porque dois objetos percebidos ou são sucessivos (intuição do espaço).

No Dicionário da Língua Pedagógica o conceito de espaço é definido por Fernandes e Teixeira (1971, p.162) como:

Latim *spatium*. Meio em que localizamos os corpos. Do ponto de vista do processo de aquisição da noção de espaço podemos distinguir: a) o espaço *apercebido* ou extensão concreta de realidades materiais (até cerca de 8 anos); b) o espaço *imaginado*, esquemas independentes de realidade espaciais, mas ainda concretos como o são as imagens genéricas (aproximadamente dos 8 aos 12 anos); c) o espaço *concebido* ou espaço abstracto, espaço, euclidiano, para um acompanhamento (aproximadamente a partir dos 12 anos).

Cabe agora pautar em minha pesquisa para aprofundar como este conceito está sendo pensado e organizado na instituição que vamos fazer análise investigativa. As bibliografias serão pesquisadas para melhor construir entendimento do conceito de espaço e o processo de construção da organização dos espaços nas instituições que trabalham com a pequena infância.

1.3 Reflexões sobre o espaço e suas contribuições para a ação pedagógica na Educação Infantil.

A partir de levantamentos e estudos de pesquisas referentes à Educação Infantil procurei trazer elementos das contribuições de alguns autores AGOSTINHO (2004), BATISTA (1998), FARIA (1997), GUIMARÃES e LEITE (1999), PINTO (2007), SCHMITT (2011),

considerando-os importantes por suas contribuições teóricas para o tema que procuro abordar nesta pesquisa. Tema que considero fundamental a ser pensado para uma prática política pedagógica que respeita os sujeitos que adentram os espaços das creches e pré-escolas como “sujeitos-crianças” e não “sujeitos-alunos”. Portanto, o tema de pesquisa escolhido para aprofundar neste Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) diz respeito à reflexão de como a organização do espaço contribui na educação das crianças pequenas.

Analisando as bibliografias destes autores brasileiros que se debruçaram a estudar e escrever sobre o conceito de espaço no ambiente das creches e pré-escolas que adentro neste tema. Com aporte teórico que vão me orientar para seguir um caminho na construção de conhecimentos para melhor pensar e aprofundar sobre o tema dessa pesquisa.

Início o estudo com a pesquisa de Agostinho (2004) acerca da organização do espaço. Do ponto de vista da autora, a organização do espaço aparece como algo que deve ser pensado para além da sua configuração física. Ou seja, “pensar o espaços da creche como um lugar socialmente construído pelas crianças e adultos que o habitam” (AGOSTINHO, 2004, p.02), transformando-o em um lugar onde a imaginação, a criatividade, e a sensibilidade possam compor o educar e o cuidar. A partir desta perspectiva, entendo o espaço como algo que deve ser pensado e transformado junto com as crianças para que estas deixem suas marcas, desejos, identidade neste ambiente. Portanto, que elas possam ressignificar o espaço da creche para além do uso e significado próprio dos adultos, transformando-o em um lugar próprio de suas brincadeiras, um lugar onde o educar e brincar possa acontecer de forma agradável com respeito profundo à infância, as suas muitas expressões e dimensões, onde principalmente, o imaginário da criança tenha voz e vez possibilitando a expressão das suas múltiplas linguagens.

A autora entende o espaço como um lugar a ser ressignificado para melhor acolher as crianças, afirmando a necessidade de esta organização ter a contribuição efetiva das crianças.

Sabendo que o espaço não é neutro, que ele contém as indicações que as crianças nos dão para que possamos efetivamente tornar esse espaço em lugares onde elas usufruam sua infância [...] as crianças estão dizendo a todo o tempo que querem um lugar onde possam brincar sozinhas, acompanhadas de outra(s) criança (s) ou do(s) adulto(s) [...] Presenciamos várias situações em que as crianças em suas relações com e no espaço recorreram ao faz-de-conta, à imaginação, imprimindo suas marcas no espaço e, ao fazê-lo, demonstram que tem *outro jeito*, outros jeitos de se relacionar com o espaço, para além do convencionalmente instituído: vão inventando, vão inovando, explorando-o de outras formas, dando novos significados aos arranjos e objetos (AGOSTINHO, 2004, p.07).

Neste sentido Batista (1998), em sua Dissertação de Mestrado, aborda questões relevantes sobre a necessidade de se pensar sobre a naturalização da lógica organizacional dos tempos e espaços na educação das crianças. Defendendo a ideia de a Educação Infantil constituir uma identidade própria, garantindo o reconhecimento das crianças das creches e pré-escolas como sujeitos de direitos sociais, políticos, críticos, criativos, produtores de cultura. Construindo uma pedagogia que garanta a criança vivenciar sua infância dentro do espaço institucional, reconhecendo este sujeito como alguém que é no momento presente e não como um vir a ser. (BATISTA, 1998). Continua ressaltando,

[...] é preciso que nos incomodemos com as experiências vividas no cotidiano das Instituições de Educação Infantil, principalmente aquelas cuja tendência é a de uniformizar, controlar, vigiar, conformar, ordenar, engessar o pensamento, a criatividade, a ousadia, espontaneidade, a ludicidade, que constituem as dimensões humanas. (BATISTA, 1998, p. 55).

A autora continua descrevendo sobre a naturalização da lógica organizacional dos tempos e espaços que determinam a experiência que a criança pode vivenciar e não o contrário. Ou seja, a atividade segue o tempo do relógio e não o tempo da experiência e interesse da criança, propostas são pensadas com todas as crianças ao mesmo tempo e nos mesmos espaços, fazendo as mesmas coisas. Proposição que ao invés de contribuir para a expressão das múltiplas linguagens, estão organizados para experiências únicas, freando a imaginação, a fantasia, controlando o movimento (BATISTA, 1998).

Para a autora, organizações dos tempos e dos espaços na Educação Infantil seguem uma lógica escolar, pautada em sujeitos-alunos e não sujeitos-crianças. Portanto, a urgência em se pensar formas diferenciadas de intervenção nas creches e pré-escolas que garantam os direitos das crianças que passam a maior parte de seu dia neste ambiente. Tendo como objetivo uma educação que garanta os direitos, necessidades e interesses das crianças ao invés de pensar a educação pela falta, incompletude, tutela e assistencialismo.

Para tanto é preciso construir outros tempos/espaços de reflexão entre os profissionais envolvidos com a educação e cuidado das crianças, eles precisam de tempos e de espaços para olhar, refletir, produzir conhecimento, planejar um cotidiano provocador da imaginação, da fantasia, da brincadeira, do movimento, da alegria, do aconchego, do colo, de experiências, de descobertas, da participação efetiva das crianças nas decisões e projetos. Nessa perspectiva as instituições se constituem como lugar de produções e manifestações das culturas infantis e, portanto, como lugar de emancipação das crianças. (BATISTA, 1998, p. 63).

As crianças em suas brincadeiras e movimentos estão nos dizendo a todo tempo que elas querem um espaço acolhedor, libertador. Onde se sintam protegidas, seguras, mas ao mesmo

tempo querem ter liberdade para brincar, se expressar, para viverem seus sonhos e fantasias, sem que isto se torne uma transgressão, mas sim algo comum neste ambiente de Educação Infantil. Nesse sentido as crianças precisam de profissionais que as compreendam como sujeitos de direitos, com especificidades próprias da sua idade. Um espaço planejado onde o brincar e educar devem ser pensados e organizados para que elas vivenciem sua infância. Para tanto, precisamos treinar nosso olhar sensível, nossa escuta acerca do mundo das crianças, suas teorias, suas singularidades e diversidades. (BATISTA, 1998), “[...] precisamos nos alfabetizar nas múltiplas linguagens através das quais as crianças se expressam que aprendamos a escutar, registrar e representar as vozes, os movimentos das crianças [...]” (BATISTA, 1998, p. 64).

Nesta mesma linha de pensamento sobre a importância de se pensar na organização dos espaços institucionalizados para e com as crianças, Faria (1997) aborda em seus estudos a necessidade de se constituir uma pedagogia da Educação Infantil, para pensar e discutir a organização do espaço físico de maneira a contemplar a cultura de cada lugar. Uma organização de acordo com seus objetivos pedagógicos onde o espaço possa se consolidar em um lugar específico para o cuidado e educação das crianças pequenas que ali passam a maior parte do seu dia. Defende a necessidade de espaços que garantam o convívio das mais variadas diferenças:

Uma pedagogia da Educação Infantil que garanta o direito à infância e o direito a melhores condições de vida para todas as crianças (pobres, ricas, brancas, negras e indígenas, meninos e meninas, estrangeiras e brasileiras, portadoras de necessidades especiais, etc.) deve, necessariamente, partir da nossa diversidade cultural e, portanto, a organização do espaço deve contemplar a gama de interesses da sociedade, das famílias e prioritariamente das crianças atendendo as especificidades de cada demanda possibilitando identidade cultural e sentido de pertencimento. (FARIA, 1997, p.69)

Espaço que deve ser qualificado pra que se transforme em ambiente. Ambiente de alegria, proteção, participação, descoberta, mistério, imprevisto sem improvisação, de liberdade. Lugar que transcenda a estrutura meramente física, que seja pensado para atender as experiências das crianças e adultos. Um espaço que forneça subsídios para as experiências que as crianças podem vivenciar e construir nesse lugar. Que leve “em consideração todas as dimensões humanas potencializadas nas crianças: o imaginário, o lúdico, o artístico, o afetivo, o cognitivo, etc., etc.” (FARIA, 1997, p.74). “[...] o espaço físico assim concebido, não se resume a sua metragem. Grande ou pequeno, o espaço físico de qualquer tipo de centro de Educação Infantil precisa torna-se um ambiente, isto é, ambientar as crianças e os adultos”

(FARIA, 1997, p.70). Na visão da autora a forma como o espaço da creche está organizado diz muito sobre a concepção de infância desta instituição.

A autora aborda o binômio “atenção/controle” vivenciado nas instituições, no mesmo tempo que é dispensada atenção às crianças, seus corpos estão sendo controlados, vigiados para que aprendam a viver em sociedade. A autora ressalta a importância de se pensar a organização dos espaços das instituições de Educação Infantil de maneira específica para as crianças pequenas, buscando novas formas de garantir o direito à infância neste ambiente, sem repetir o modelo escolarizante, hospitalar e higienista que vêm sendo pensado ao longo dos anos. Garantindo por sua vez que as crianças expressem suas “cem linguagens” dentro destes espaços:

Então, a organização do espaço vai favorecer e vai ser favorecida por uma pedagogia das diferenças, uma pedagogia das relações, uma pedagogia da escuta, uma pedagogia da animação, garantindo a melhoria das condições de vida através do direito à educação das crianças de 0 a 6 anos (FARIA, 1997, p.80).

Refletindo sobre a valorização das culturas, Guimaraes e Leite (1999) trazem a abordagem italiana sobre a criança como sujeito cultural, com voz e vez no cenário sócio histórico do qual participa. Uma valorização da cultura da infância, das interações sociais diversificadas e dos registros, a preocupação com as relações entre as instituições educativas, família e a comunidade. Continuidade creche/escola da infância, da acolhida, da organização dos grupos, do espaço, do desenvolvimento da identidade e do destaque ao jogo e à imaginação, com uma pedagogia construída especificamente para as crianças pequenas.

Contribuindo para repensar a organização dos espaços para melhor ambientar as crianças pequenas contemplando a infância, Pinto (2007) nos traz contribuições quando fala do confinamento da infância nos espaços escolares, principalmente das crianças que estão matriculadas nas primeiras séries do ensino fundamental. Aborda a necessidade dos espaços públicos escolares serem transformados e organizados com a participação das crianças, respeitando-as enquanto sujeitos de direitos, para que este espaço se transforme em um lugar que privilegie a infância. Fala da “necessidade das escolas reverem seus conceitos de infância, educação e sociedade com o objetivo de rever sua estrutura e modo de tratar as crianças” (PINTO, 2007, p.92). Ressalta a necessidade de garantir os direitos das crianças para que sejam respeitadas, consultadas e ouvidas (direitos relativos à provisão, proteção e participação). Formula questões fundamentais para compreendermos como estão sendo

pensados os tempos e os espaços e qual a concepção de criança e infância está posta nas instituições educativas.

Os espaços e os tempos são organizados pelos adultos de modo a priorizar o condicionamento e a disciplina das crianças. O fato fica evidente na inadequação do mobiliário, bem como na organização do tempo e do espaço escolar, que desfavorecem as interações e a criatividade das crianças. (PINTO, 2007, p. 105)

Por fim, vale ainda destacar as contribuições de Schmitt (2011) ao definir que a organização do espaço pode contribuir como um terceiro educador dentro da instituição, este deve ser constituído de forma flexível e instigante, que possibilite às crianças interagirem de forma autônoma, além de poderem significá-lo individual e coletivamente. De acordo com Schmitt (2011, p.16),

Entre os adultos, há ações que não são anunciadas verbalmente entre eles, mas que indicam suas formas de ver o mundo. No ato de colocar ou não as crianças nos berços, de disponibilizar ou não objetos à sua altura, de acolher ou não sua presença no espaço, os adultos dizem sobre elas e o que pensam sobre elas e o que esperam de suas relações.

O presente estudo e análise das contribuições teóricas das autoras citadas acima faz parte da pesquisa para que possamos avançar na compreensão da importância de se pensar na organização do espaço no ambiente de Educação Infantil, entendendo o espaço para além de uma projeção arquitetônica, de apenas uma estrutura física. Contribuindo também para compressão e reflexão sobre como a organização do espaço reflete a concepção de criança e infância que está posta na ação pedagógica do profissional de Educação Infantil e da instituição em que vamos adentrar para dar curso ao nosso estudo.

2. METODOLOGIA DA PESQUISA

2.1 Pesquisas na Área da Educação: aproximações com a pesquisa

Este estudo se movimenta por pesquisa bibliográfica, focando suas abordagens no processo de organização do espaço da creche, para melhor entendimento de como a organização do espaço se consolida na prática pedagógica de professores na Educação Infantil. Neste percurso alguns autores foram priorizados, AGOSTINHO (2004), BATISTA (1998), FARIA (1997), GUIMARÃES e LEITE (1999), PINTO (2007), SCHMITT (2011), buscando aprofundar o conhecimento sobre a importância da organização do espaço. Norteador o estudo e escrita, busco falar de um tema do qual me “apaixonei” desde o momento em que fui levada a conhecê-lo através da professora Ângela Coutinho na quinta fase do Curso de Pedagogia, contribui para buscar reflexões que possam contribuir nessa área de estudo.

Atuando na área da Educação Infantil na função de Auxiliar de Sala há quatro anos, foi a partir das disciplinas de Educação e Infância ministradas desde a primeira fase do curso e das disciplinas de Organização dos Processos Educativos na Educação Infantil I e II na quinta e sexta fase, que comecei a assimilar a concepção de infância que o curso nos possibilita conhecer e na qual compreendo ser fundamental para pensar nos sujeitos que passam a maior parte de seu tempo de criança nas instituições. Partindo do conhecimento construído durante este percurso passei a questionar porque a organização do espaço pensada para e com as crianças está tão longe da prática dos profissionais que atuam na Educação Infantil? Como pensar nesta organização para ambientar melhor as crianças pequenas? Como garantir tempos e espaços para que as crianças que adentram este lugar vivenciem sua infância nos espaços institucionais?

Percebemos durante este tempo em que estive trabalhando na área, o quanto a formação dos profissionais da Educação Infantil possui lacunas, o quanto a importância de se pensar uma prática pedagógica para e com as crianças se faz distante. Sendo comum uma prática voltada para a centralidade do adulto, com tempos e espaços definidos pelos adultos.

O tema “espaço e tempo” pensado para e com as crianças, abordado neste trabalho, me fez perceber como este estudo é importante para educar/cuidar das crianças pequenas,

percebendo-as com crianças e não como adultos em miniatura. E o quanto se faz fundamental pensar na organização dos espaços com as crianças, transformando-o em um lugar com suas marcas, identidades. Partindo desta concepção de infância, sinto a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre o tema organização do espaço na educação dos pequenos. Para este estudo farei uso de algumas bibliografias relacionadas ao tema e dos registros de estágio realizados no ano de 2012 em dupla com uma colega da turma.

O material empírico para análise faz parte do memorial construído durante o período de estágio em uma creche municipal pública de Florianópolis durante o primeiro semestre de 2012. O enfoque privilegiado de análise foi o grupo dos bebês. Os instrumentos de análise foram a observação participante e os registros escritos, fotografados e as filmagens, registrados durante o período em que estivemos em campo. As observações focaram primeiramente o espaço arquitetônico, suas configurações, mobiliário, brinquedos, parques, bem como a forma como estavam organizados e disponibilizados. Posteriormente, nosso olhar buscou focar na relação que as crianças mantinham com estes espaços, se a organização era pensada para acolher a criança, se privilegiava as relações e as experiências vivenciadas pelas crianças nestes espaços. Nosso foco foi a escuta das crianças, e o olhar atento para suas ações e relações com o ambiente, com seus pares e com os adultos que ali estavam.

Considerando que esse estudo é apenas uma aproximação sobre o tema. O que vou apresentar não tem a pretensão de ser dito como uma fórmula ou uma única maneira de ser pensar, uma única verdade, mas o meu modo de conhecê-lo para problematizá-lo. Não vou aqui apontar direções nem recomendações ou soluções, mas pretendo abrir possibilidades e maneiras diferenciadas de se pensar no acolhimento das crianças pequenas num espaço de emancipação para a infância. Um espaço que possa ter em seu contexto o lúdico, a fantasia, o faz de conta, o educar/cuidar de forma indissociável, onde as brincadeiras das crianças sejam consideradas coisa séria. Além de se consolidar em um lugar de aconchego, cuidado, experiências, garantidor dos direitos, necessidades e interesses dos sujeitos criança. Garantindo assim, que o tempo tão longo que se passa neste lugar institucionalizado, seja um tempo de alegrias.

2.2 O que significa pesquisar a infância

Pesquisar a infância dentro do referencial teórico dessa pesquisa significa olhar estes sujeitos como sujeitos de direitos, “sujeito criativo, individuo social, produtor de cultura e da história, ao mesmo tempo em que é produzida na história e na cultura que lhe são contemporâneas” (KRAMER, 2002, p.43). Entendendo-a como autor e ator da sua história, alguém que tem importância em si mesmo, que já é cidadão no momento presente, não é um vir a ser.

A pesquisa nesta perspectiva passa a ser desenvolvida garantindo que as crianças possam ser sujeitos desta história sem prejudicá-las, sem serem vistas ou tratadas apenas como objetos de pesquisa, levando em conta o seu contexto social, sua especificidade infantil, sua identidade própria. Nosso olhar, portanto deve ser educado, sensibilizado para estranhar o familiar, o corriqueiro, para nos aproximarmos do mundo infantil e compreendê-las com especificidades próprias de sua idade. Para tanto é necessário possibilitar que as crianças tenham voz e vez nesta ação, desta forma vamos conseguir compreender como elas pensam o mundo a sua volta.

Por se tratar de crianças bem pequenas, consideramos importante observar suas múltiplas linguagens, através dos seus gestos, dos choros, sorrisos, olhares, expressões, buscando compreender o que estão nos dizendo. A imagem fotográfica, além dos registros escritos, será minha aliada para lembrar o vivido, contribuindo na reconstrução do olhar, trazendo as crianças como sujeitos desta pesquisa.

Interessa nessa pesquisa refletir sobre como vem sendo acolhida as criança neste lugar, reconhecê-los como sujeitos de pouca idade, pensados como sujeitos plenos, com direito de vivenciar sua infância, de ser criança, no espaço institucional. Se elas realmente fazem parte do planejamento na ação pedagógica do professor, ou se esta ação perpassa por uma visão adultocêntrica centrada apenas na organização da rotina, priorizando o adulto ao invés das crianças. Portanto, minha visão nesta pesquisa está pautada na reflexão da organização do espaço, observando como está concebido e como reflete a ação pedagógica do profissional deste lugar.

Minha entrada neste espaço se dá como pesquisadora, observando, registrando e analisando sobre a ação pedagógica, sem a pretensão de jogar como certo ou errado a prática

dos profissionais deste lugar. Mas sim, pesquisar e analisar para refletir junto com as teorias que ajudam a pensar sobre o conceito de espaço, meu tema de pesquisa, para com uma reflexão mais aprofundada poder contribuir de alguma forma para que as crianças pequenas possam vivenciar este tempo de ser criança em um espaço acolhedor, emancipador.

2.3 Campos de pesquisa

O campo de pesquisa deste estudo trata-se de uma Creche municipal pública situado na comunidade Chico Mendes, em Florianópolis/ Santa Catarina. Minha entrada neste lugar se deu no período do Estágio Supervisionado em Educação Infantil, componente do currículo do Curso de Pedagogia, do qual participei no primeiro semestre de 2012, sob a orientação da professora Patrícia de Moraes Lima, durante um período de quatro meses.

A comunidade Chico Mendes se formou na década de 70 com a ocupação clandestina do terreno, os primeiros moradores foram fruto do êxodo rural. Famílias que deixaram o campo em busca de melhores condições de vida. Contudo esta comunidade vive a margem da sociedade, sendo discriminada por ser considerada uma comunidade muito violenta e por suas condições sócias econômicas desfavoráveis. Porém, ao adentrar neste lugar fui percebendo que os moradores da Chico Mendes são na sua maioria trabalhadores em busca de sua sobrevivência. E mesmo o sujeito que fora do espaço institucional é o “chefe do tráfico”, no espaço da creche ele é o pai preocupado com seu filho.

O atendimento educacional público às crianças da comunidade Chico Mendes iniciou-se no ano de 2000, em um prédio provisório com apenas duas salas. Neste espaço eram atendidas quarenta e oito crianças em período integral, divididas em duas turmas. Em 2005 foi inaugurado o prédio atual da creche. Este novo espaço passou a atender cento e quinze crianças de zero a seis anos em período integral. A estrutura física interna do prédio está dividida em seis salas (para cada duas salas existe um banheiro coletivo para as crianças destes grupos), um hall que funciona como refeitório, uma sala multiuso, uma cozinha, e a sala da coordenação. O espaço externo da instituição rodeia todo o prédio, sua organização esta constituída com dois parques, um para as crianças menores de zero a três anos e o outro

para as maiores de três a seis anos; com um espaço separado nos fundos para uma pequena horta.

A creche fica localizada bem no meio da comunidade, sua estrutura física está rodeada pelas construções das casas, e esses moradores são os pais, mães, avós, familiares, vizinhos, conhecidos das crianças que adentram este lugar institucionalizado. Do lado de fora dos muros pode ser visto o que acontece nos espaços da creche, nas salas ou no parque. Os familiares que por ali passam procuram observar as crianças das quais são próximas, às vezes para dar um aceno, ou apenas observar.

A inserção na comunidade, no primeiro momento se deu para melhor conhecer o contexto social onde a creche está inserida. Considerando este um momento extremamente importante e necessário, para compreensão de que infância se constitui, e que lugar ela ocupa no contexto desta comunidade. No segundo momento, fui inserindo-me no espaço educacional coletivo. Minha entrada requer um olhar de pesquisadora, de aprendiz, precisa ser desconstruído e reconstruído, à medida que reconheço esse lugar que já possui vida própria, que já traz em seu bojo uma concepção de criança, que já possui sua rotina, suas práticas.

O enfoque privilegiado de análise foi a sala dos bebês, habitada por 15 crianças (oito meninos e sete meninas) com idade entre nove a dezesseis meses, e dois adultos, uma auxiliar e uma professora. As observações focaram primeiramente o espaço arquitetônico, suas configurações, mobiliário, brinquedos, parques, bem como a forma como estavam organizados e disponibilizados. Posteriormente o olhar buscou focar na relação que as crianças mantinham com estes espaços, se a organização era pensada para privilegiar as relações e as experiências vivenciadas pelas crianças nestes espaços. Tendo como foco à escuta das crianças, para uma criança que já é, e que já possui história, linguagens, expressões e a compreensão à sua maneira do contexto que a cerca.

3. ANÁLISE DOS DADOS

3.1 Aproximando o olhar sobre a organização do espaço da unidade de Educação Infantil

A pedagogia se faz no espaço realidade e o espaço, por sua vez, consolida a pedagogia. Na realidade, ele é o retrato da relação pedagógica estabelecida entre criança e professor.

Ana Lúcia Goulart de Faria

Em minha observação participativa³ na sala dos bebês, encontrei nos registros, elementos que ajudam a refletir sobre o tema de pesquisa. O estudo possibilita identificar como a organização do espaço neste lugar está pensada e organizada para os bebês. Se sua configuração física e a organização do espaço favorecem subsídios para experiências diversificadas que levem “em consideração todas as dimensões humanas potencializadas nas crianças: o imaginário, o lúdico, o artístico, o afetivo, o cognitivo, etc., etc.” (FARIA, 1997, p.74).

Meu primeiro olhar teve como foco de observação a configuração arquitetônica da instituição para em seguida analisar a sala dos bebês, meu objeto de pesquisa. Nos registros estão anunciados: a estrutura material do prédio segue o modelo padronizado das creches públicas de Florianópolis, com construção de alvenaria. A estrutura interna está dividida em seis salas (para cada duas salas existe um banheiro conjugado), uma sala multiuso, uma cozinha, sala da coordenação e um hall que funciona como refeitório. Em minhas observações, os pequenos não faziam uso do hall para suas refeições, estas eram feitas na sala. A professora e a auxiliar na hora da janta (15h30min) alimentavam uma criança por vez. As outras crianças ficavam brincando no chão com alguns brinquedos ofertados pelas educadoras, outras com mais fome se manifestavam pela espera com choros, mordidas, marcando assim sua presença neste lugar. No decorrer das observações a auxiliar modificou este momento das refeições, tendo a iniciativa de servir as refeições para todas as crianças no espaço do solário, como nos explica o registro:

³ Durante o período do Estágio Supervisionado em Educação Infantil do Curso de Pedagogia da UFSC.

[...] a professora do grupo não estava presente, mas a auxiliar da sala (que naquele momento trazia para si a responsabilidade de educar e cuidar daqueles bebês - de uma forma diferente do que já havíamos observado - propõe a auxiliar volante que estava presente, que propusessem o momento da janta de forma não habitual). As profissionais serviram os pratos com sopa e dispuseram na mesa localizada no solário para as crianças, que já estavam sentadas aguardando. Todas, sem exceção, comiam de forma independente, seja auxiliando com as mãos a chegada da comida à colher, seja levando o prato até a boca para pegar aquele restinho do fundo. Percebemos como a proposição se mostrou desafiadora para as crianças. O Vitor, um bebê que continuamente chora por sentir falta da irmã que está no grupo ao lado, mostrava-se muito autônomo ao comer sozinho, até repetiu o prato e chamava-nos para mostrar o que estava fazendo. (Registro de Campo, 2012).

Por fim, as crianças revelaram sua disposição para experimentar novas ações dentro de um espaço não pensado desta forma anteriormente. Mas que a profissional neste momento modifica-o com sua proposição, oportunizando-as o desafio de poderem ser os próprios autores dentro do seu processo de desenvolvimento neste tempo/espaço pensado e organizado para novas experiências.

A docência na Educação Infantil certamente deve caminhar no sentido de propor tempos e espaços objetivando em sua ação pedagógica de educar e cuidar momentos desafiadores para possibilitar o desenvolvimento dos pequenos. Neste caso a experiência mostra o quanto às crianças muitas vezes são subestimadas em sua capacidade, mas a ação da auxiliar com um olhar mais aguçado propõem outros desafios. Seus sorrisos, olhares, refletem o contentamento em poderem exercitar este movimento de forma autônoma, sendo autores no seu desenvolvimento.

Reconhecendo a sala dos bebês identifiquei sua composição física. A sala estrutura-se com quatro paredes formando um retângulo, em duas das paredes existe uma janela grande em cada uma. Em outra parede há um espelho, na altura das crianças, esta parede faz divisória com o banheiro de uso conjugado com outra turma. O banheiro quase não é utilizado pelos bebês, ficando reservado para o banho. Mas as crianças com sua curiosidade, quando percebem a porta aberta, sobem na cerca que bloqueia sua passagem para observar este espaço, ou quando está fechada buscam alternativas para abri-la,

Khetelyn ao perceber que a porta que vai para o banheiro, esta sem a grade e fechada, procura algum objeto que possa levá-la a alcançar a maçaneta. Puxa o cavalinho de borracha que estava ao lado do espelho posiciona-o deitado sentindo que desta forma ele não vai cair e derruba-la. Apoia-se na porta e sobe no cavalinho, estica os pés, conseguindo alcançar a maçaneta, mas logo é descoberta e retirada dali. (Registro de Campo, 2012).

O chão da sala dos bebês tem como revestimento pisos de cerâmica. As paredes tem em sua predominância o branco, em nenhuma delas encontrei marcas das crianças. Além de um painel de aniversariante confeccionado por adultos. “Se persiste na ideia de que as creches para ser considerada limpa têm de ostentar paredes, janelas e portas sem marcas das crianças” (LIMA 1989, apud SIMIANO; VASQUES 2009, p.04). Os tetos, assim como as paredes, permanecem vazios, com exceção das prateleiras e de três motos de brinquedos que ficavam penduradas bem no alto, não havia nada para ambientar o espaço. Retomando os estudos de Barbosa (2000) percebesse a concepção anunciada:

O padrão das creches apresenta, em geral, espaços bem definidos e estanques, onde há uma intensa preocupação com o arejamento, o tipo de iluminação, o tamanho das salas, a relação do espaço com o número de crianças, a limpeza constante, a higiene, a saúde e o resguardo com o corpo. Nessas propostas mais ligadas à puericultura encontramos, muitas vezes, um uso exacerbado do espaço interno em detrimento do espaço externo, pois este significa a contaminação e a ausência do controle. (p.144)

As crianças estão sempre se relacionando com o espaço, estando este organizado ou não para sua especificidade infantil. A disposição das motos fora de seu alcance não as impedia de reivindicarem o direito de usá-las, mesmo suas vozes nem sempre sendo atendidas, elas apontavam, choravam, faziam gestos, indicavam que queriam usa-las. E quando suas vozes eram atendidas, elas surpreendiam com sua imaginação. “Brincando com a moto, o Vitor acha um pote plástico, põe na cabeça usando como capacete, sai andando com a moto até o espelho e fica se olhando, tira e volta a colocar continuando o passeio pela sala” (Registro de Campo, 2012). Neste movimento constante percebe-se a indicação das crianças da necessidade de se pensar o espaço da sala para um lugar de brincadeiras.

No que diz respeito ao mobiliário, os móveis da sala são compostos por uma estante pequena onde estão disponíveis alguns brinquedos, um armário pequeno com portas onde as professoras guardavam alguns materiais, e sobre ela está uma televisão que durante o período em que estive observando encontrava-se sempre ligada, com volume bem alto e com a mesma proposição. Algumas vezes percebi as interações das crianças com o aparelho, de várias formas ou apenas assistindo ou experimentando a sensação de mexer em seus botões.

O Marcos observa a televisão, se aproxima, tenta alcançar o botão para apertar, porém não consegue, sai e busca um objeto sobe em cima e consegue alcançar o botão. Inicia sua aventura apertando e se espantando com os chuviscos que aparecem na tela. Ele se alegra e se expressa com um

ó, ó, ó. Busca nosso olhar, para sentir nossa reação (estagiarias). Respondíamos com um olhar de interesse nas suas ações e ele novamente se expressava com ó, ó, ó, olhando para a tela. Para ele o mais interessante que a proposição anunciada com a televisão era perceber os chuviscos que aparecia quando ele tocava os botões, mas logo sua aventura é interrompida pela professora que repreende sua ação. (Registro de Campo, 2012).

A ação do Marcos nos faz pensar em como somos “capturadas” nesse espaço e como “precisamos nos alfabetizar nas múltiplas linguagens através das quais as crianças se expressam que aprendamos a escutar, registrar e representar as vozes, os movimentos das crianças” (Oliveira apud Batista 1998, p.64). Os profissionais tem em seu papel a função de significar as manifestações investigativas das crianças. Suas respostas não podem ser apenas de repreensão. “Portanto, qualquer professor tem, na realidade, uma concepção pedagógica explícita no modo como planeja, na maneira de se relacionar com as crianças, na forma como organiza seus espaços” (HORN 2004 apud NONO 2011, p.03).

Em outro espaço há um armário maior com um colchão em cima e serve como trocador das crianças. Este fica encostado em uma das janelas, bloqueando a proximidade das crianças e impossibilitando-as de observar o lado externo onde fica o parque e o movimento dos carros na rua. As crianças quando ouvem o barulho de caminhão se direcionam para a porta que também fica bloqueada com uma cerca. Em um dos cantos, alguns colchões estão organizados um em cima do outro. No tempo em que estive observando, nenhum colchão ficava disposto para as crianças fazerem uso. Como nos relata o registro abaixo:

Geralmente depois da janta (servida as 15hora e 20minutos) as professoras iniciam a troca de roupas e fraudas das crianças. Enquanto este movimento é feito pelas duas professoras as crianças ficam livre brincando. Neste tempo algumas crianças passam a nos solicitar com mais frequência. Algumas choram e/ou coçam os olhos, se jogam no chão; estendendo seus bracinhos solicitam colo. Entendemos estes gestos como manifestação de cansaço, sono, necessidade de aconchego, pois muitas vezes dispensavam os brinquedos procurando se acomodar no bebê conforto ou no carrinho de bebê quando não conseguiam um colinho. Conforme as crianças nos apontaram e pudemos vivenciar, percebemos a necessidade de uma nova organização do espaço. Sentimos que as crianças nos indicavam a necessidade de um espaço mais agradável e aconchegante, com colchões ou almofadões onde pudessem deitar ou brincar de forma mais confortável, acolhedora, para ambientá-las. (Registro de Campo, 2012).

Como se trata de crianças bem pequenas percebe-se a ausência de um lugar onde elas pudessem sentir-se mais a vontade para descansar, brincar, dormir, etc... “a organização dos tempos e espaços para as crianças nas creches deveria considerar todas as necessidades

relacionadas ao repouso, alimentação, higiene de cada criança” (BARBOSA; HORN 2001 apud NONO 2011, p.02).

Durante minha pesquisa encontrei indícios de espaços e tempos organizados para seguir uma rotina previamente estabelecida atendendo as necessidades e os interesses dos profissionais. Portanto o que se expressa é uma organização construída permeada por uma visão pedagógica centrada no adulto. Nono (2011) contribui dizendo que os espaços de Educação Infantil devem ser organizados levando-se em conta o objetivo de desenvolvimento integral das crianças.

O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com ele são reveladores de uma concepção pedagógica. Aliás, o que sempre me chamou atenção foi à pobreza frequentemente encontrada nas salas, nos materiais, nas cores, nos aromas; enfim, em tudo que pode povoar o espaço onde cotidianamente as crianças estão e como poderia desenvolver-se nele e por meio dele se fosse mais bem organizados e mais ricos em desafios (HORN 2004 apud NONO, 2011 p.3).

A organização espacial da sala dos bebês identifica-se com um vazio no centro da sala. Entendo, portanto que “a forma de organização dos móveis relacionam-se à concepção de que os bebês necessitam de um espaço amplo, aberto vazio”. (SIMIANO; VASQUES, 2009, p.05). Senti falta de espaços organizados com propostas mais provocativas, ricas em desafios, que estimulasse brincadeiras diversificadas para além dos brinquedos disponibilizados, uma organização que incentivasse a imaginação, a fantasia, o faz-de-conta, ações fundamentais para o desenvolvimento infantil e a interação entre seus pares e com o adulto. O papel crucial do professor é o de mediar situações, criar espaços e tempos, construir ambientes agradáveis com brinquedos variados disponibilizados ao alcance dos pequenos, para que a criança sinta vontade de expressar-se através das múltiplas linguagens as quais precisamos compreender e valorizar.

Um tapete, dois cavalinhos de borracha e duas cadeirinhas (bebê conforto) ocupam o espaço, uma delas geralmente ocupada por uma mesma criança. A Sheila, um bebê do grupo durante o tempo de observação quase não saía da cadeirinha. Ela quase não andava pela sala, nem interagia com os seus pares, preferindo ficar ali na cadeirinha e quando era tirada deste lugar, chorava até sentar-se novamente. Mediante as condições do ambiente, com a ausência de um cantinho apropriado para as crianças se aconchegarem, para brincar, e por se tratar de um bebê, percebe-se que ali naquele lugar ela sentia-se mais protegida e confortável.

Observei que os brinquedos em sua maioria são guardados em uma prateleira na altura dos adultos e outros dentro de um armário, impossibilitando o manuseio livre pelas crianças. Sendo utilizados apenas os que as professoras disponibilizam em uma das estantes que está na altura das crianças. Observei a predominância de uma lógica que privilegia o adulto na constituição das práticas, criando certa dependência das crianças na realização das propostas e certo silenciamento das crianças em relação a manifestar-se sobre os brinquedos guardados, pois estes não estando ao alcance de sua visão acabam por não serem notados.

No espaço externo nos fundos da sala há um solário com mesa e banco para as crianças, o solário dá passagem para o parque dos bebês. Com alguns brinquedos como: balanços, uma estrutura de madeira e corda formando uma ponte um tanto desafiadora para os bebês. Para subir neste brinquedo as crianças passam por uma rampa de madeira e descem por um escorregador. No parque as crianças estão mais livres para brincar e criar relações diversificadas com o espaço, com seus companheiros de brincadeiras, ou para ficar sozinho desfrutando do lugar assim como Pietro:

Pietro, estando no parque descobre uma plantinha, passa a observá-la, sorri, sabe que esta sendo fotografado por nós estagiárias, mas não se incomoda com nossa presença, continua observando a plantinha, depois pega em suas mãos e leva-a até seu nariz, nos observa, e continua sentado na grama contemplando e sentindo o cheirinho do mato, fica nesta descoberta por algum tempo. Vitor ali no parque para de chorar, fica feliz, pois encontra sua irmã, ela esta no outro grupo da sala ao lado, e ele geralmente chora querendo ficar com ela, mas nem sempre isto é proporcionado. Mais chegando ao parque os dois se encontram, então aproveitam para brincar. Eles dão as mãos e passeiam pelo parque. Em um momento ela aponta para seus pés. O Vitor esta de pés descalço, de longe a impressão que tenho é que a menina esta preocupada por que ele esta sem os tênis. Crianças que passam o dia todo no espaço da instituição, mas pouco se encontram. (Registro de Campo, 2012).

Ao lado deste parque há um parque bem maior e com mais brinquedos, porém os bebês não frequentam este espaço. “De forma não verbal, os adultos se posicionam frente aos bebês, acreditando ou não em suas potencialidades comunicativas e relacionais, pela forma como organizam o espaço para elas e para suas relações com elas” (SCHMITT, 2011, p.16). Acredito que a organização do espaço é fundamental na constituição das relações criança-criança, criança-adulto, criança-objeto e criança-espaço. Reconheço mediante a observação a concepção de criança deste lugar. Na maneira como o espaço se mostra organizado na sala dos pequenos, anuncia-se uma organização permeada por uma concepção de criança incapaz de ser autor da construção de conhecimento, sem voz nem vez. Portanto considero importante

difundir que “é preciso, repensar o foco do trabalho pedagógico nas instituições de Educação Infantil, que tem sido centrado muito mais na prática dos adultos do que nas práticas das crianças” (CERISARA, 2002, p.02).

A educação infantil tem na organização dos ambientes uma parte importante de sua proposta pedagógica. Ela traduz as concepções de criança, de educação, de ensino aprendizagem, bem como uma visão de mundo e de ser humano do educador que atua neste cenário. Portanto, qualquer professor tem, na realidade uma concepção pedagógica explicitada no modo como planeja suas aulas, na maneira como se relaciona com as crianças, na forma como organiza seus espaços. (HORN, 2004, apud NONO, p.3)

3.2 A organização dos espaços a partir de uma ação pedagógica que reconhece a participação das crianças

O espaço se projeta ou se imagina; o lugar se constrói. Constrói-se a partir do fluir da vida, das relações que ali são travadas e a partir do espaço como suporte. (AGOSTINHO, 2004)

A pedagogia se faz no espaço e o espaço por sua vez consolida a pedagogia refletindo a concepção de criança e infância do profissional que o organiza (FARIA, 1997). Portanto uma ação pedagógica que respeite os direitos, necessidades e interesses das crianças têm como proposta uma organização espacial pensada para e com elas, constituindo um ambiente agradável para os bebês e adultos que fazem parte deste espaço de relações.

Tornando estes espaços em lugar de aconchego, brincadeira, risos, choros, conhecimento, aprendizado, trocas diversas, etc. Privilegiando “as infâncias e não a alunância; diversidade e não a homogeneidade; a espontaneidade ao invés do espontaneísmo” (BATISTA, 1998, p.01), construindo uma identidade própria neste contexto de educação coletiva, reconhecendo as crianças como sujeitos de direitos. Batista (1998, p.54) nos ajuda ao refletir sobre como geralmente se tem tratado as manifestações das crianças nos espaços de educação infantil.

Nós professores, ainda temos dificuldade em compreender e legitimar as diferentes formas de as crianças viverem e atuarem no mundo. Suas práticas, marcadas pelas expressões das múltiplas linguagens, da simultaneidade, provisoriamente e pelo imprevisível, sempre foram tratadas como problema,

cabendo à educação a tarefa de modificá-las, domina-las no sentido de enquadramento social. Nesta perspectiva, educar tem como objetivo frear a imaginação, a fantasia, controlar o movimento, regular as múltiplas manifestações infantis, uniformizar suas temporalidades, desejos e sonhos.

Amparada por estas reflexões, selecionei algumas proposições com intencionalidade pedagógica, propondo tempos e espaços para a imaginação, os sonhos, as fantasias, as brincadeiras, as relações e emancipação das crianças. Garantido a elas o direito de ser criança neste lugar, que deve ter por objetivo principal privilegiar a infância. Cabe ressaltar que “o espaço físico isolado do ambiente só existe na cabeça dos adultos para medi-lo, para vendê-lo, para guardá-lo. Para as crianças existe o espaço-mistério, o espaço descoberta, enfim, os espaços de liberdade ou opressão” (LIMA 1989 apud FARIA 1997, p.70).

Permeada por uma concepção pedagógica que reconhece a participação da criança, através de um olhar atento e sensível para o que elas nos indicam, percebi durante as observações, no período em que estive como estagiária nesta instituição, junto com uma companheira e amiga de turma, para acompanhar, observar, planejar, replanejar e experimentar a docência na turma dos bebês, identifiquei a necessidade de ambientar o espaço da sala para e com as crianças, tornando-o mais convidativo para experiências variadas modificando o cotidiano das crianças no ambiente de educação coletiva.

Wellington depois da troca de fraldas após a janta começa a chorar, se joga no chão e pede seu bico, a professora entrega o bico, mas ele continua o choro esfregando seus olhinhos. Percebesse que ele esta com sono, porém não tem nenhum lugar organizado para ele se acomodar além do tapete de cordão onde ele se deita. Só após trocar todas as crianças a auxiliar pega dois colchões e dispõe no chão para ele se deitar. Ele se deita e a auxiliar fica ao seu lado batendo nas suas costas para ele dormir, vendo os colchões ali no chão o Gabriel também pede seu bico e vai deitar, neste momento já é fim de tarde e a maioria das crianças já foi embora. Sentimos que as crianças nos indicavam a necessidade de um espaço mais agradável e aconchegante, com colchões ou almofadões onde pudessem deitar ou brincar de forma mais confortável, acolhedora, para ambientá-las. (Registro de Campo, 2012).

Analisei nesta pesquisa alguns momentos em que propusemos intervenções com os bebês, de modo que partindo dos registros e dentro de uma perspectiva que compreende estes seres tão pequenos com especificidades próprias de sua idade, considereei indispensável uma organização para acolhê-los de forma aconchegante, confortável, convidativa, e ao mesmo tempo alegre. Para promovê-la, foi pensada como proposta pedagógica um cantinho bem confortável para momentos de descanso ou brincadeiras ambientando assim a sala, colocando marcas das crianças neste lugar que é delas e deva ser pensado para e com elas, dando sentido de pertencimento neste ambiente. Para concretizar a ideia planejamos a confecção de um

grande minhocão. Nossa intencionalidade teve como proposta envolver as crianças em todo o processo de construção deste ambiente. Portanto consideramos que seria interessante envolvê-las primeiramente com o tecido antes que este tomasse novas formas. Planejamos em nossa proposição, passar a tarde no parque com as crianças. A proposta teve como intencionalidade além da interação com o tecido levar as crianças para o parque, pois durante as observações percebemos que os bebês quase não saíam da sala, Para Batista (1998, p.55):

É preciso que nos incomodemos com as experiências vividas no cotidiano das instituições de educação infantil, principalmente aquelas cuja tendência é a de uniformizar, controlar, vigiar, conformar, ordenar o pensamento, a criatividade, a ousadia, a espontaneidade, a ludicidade que constituem as dimensões humanas.

Várias vezes ao chegar à sala encontrei os bebês brincando no solário junto com as professoras. O solário dá passagem para o parque, ao brincar jogavam alguns brinquedos para este espaço só para a professora pedir para ir buscar. O contentamento de ir até este espaço nos fez planejar uma tarde bem divertida. Escolhemos juntos com elas vários brinquedos para levar para este espaço, além do tecido que no parque transformou-se em cabana, em rede, em tapete...

Para este espaço levamos também vários brinquedos como: baldes, pás, carrinho de mão, bonecas, moto, bolas e o tecido, este ultimo primeiramente foi esticado na grama do parque. A variedade de possibilidades de brinquedos no parque dispersou a interação das crianças com o tecido no primeiro momento, pois os brinquedos disponibilizados costumeiramente não eram levados para o parque. Um tempo depois, Emile ao observar o tecido no chão se direciona e senta-se para brincar com sua boneca e uma panelinha junto com outra menina que tem em sua mão um pedaço de plástico branco que dividi com a colega e as duas vão dando formas a este objeto trocando sorrisos e sentindo a textura, elas permanecem por algum tempo brincando. Em seguida Pietro se aproxima e senta-se também para brincar. Logo aparece o Vitor que se deita sobre o tecido. Marcos percebendo as crianças ali também se dirige para o lugar e senta-se tentando se envolver com a brincadeira das meninas, mas não é bem aceito. Uma das estagiarias busca interagir com as crianças puxando o tecido com elas sobre ele, elas respondem com alegria e mais crianças se aproximam, sobem no pano em movimento, quando a estagiária para de puxar duas crianças se levantam e tentam imita-la, mas como suas forças são insuficientes para movimentá-lo a estagiária segura em uma das pontas ajudando, logo o tecido se transforma em um transporte coletivo criando um momento bem agradável. A Sheila primeiramente ficou no bebê conforto observando as crianças brincando, pouco tempo depois ela sai da cadeirinha e caminha pelo parque, vai em direção da moto e sobe nela para brincar com as outras crianças interagindo com seus pares e com o espaço nos deixando satisfeita em vela envolvida com a proposição, que foi pensado e organizado para brincadeiras diversas. (Registro de Campo, 2012).

O que se observou foi variado usos, novas expressões, diversificadas interações, que traduziram a intencionalidade em construir possibilidades para que os bebês pudessem criar e recriar significados naquele lugar. Promovendo a interação das crianças com seus pares e com os adultos, transformando este espaço em um lugar de alegria, brincadeiras, interação, descoberta, desafios. As crianças interagem o tempo todo com o espaço modificando-o e dando novo significados. “Por meio das suas *cem linguagens*, nos disseram cem vezes cem que querem um espaço que lhes garanta o direito a brincadeiras” (AGOSTINHO, 2004, p.08). Neste sentido elas nos dizem que querem um lugar para vivenciar sua infância se constituindo como autor e ator da sua cultura infantil. De acordo com Gallardini (apud Guimarães, 1999, p.14).

(...) o ambiente deve estar preparado para estimular a fantasia, a imaginação e a criatividade, o uso atento de imagens e estímulos, a oferta de uma diferenciada gama de experiências, além de ser também estética e artisticamente válido. Deve atentar em dispor de espaços adequados, organizados e aparelhados com materiais e instrumentos abundantes e facilmente acessíveis.

Um tecido que ora é lugar de assento e no outro é “transporte coletivo”, objeto que se movimenta, circulando pelo parque, tomando novo significado, despertando a imaginação, possibilitando interações entre criança-criança, criança-adulto criança- espaço-criança. Uma organização que traduz um respeito profundo à infância, no seu modo de ser, e de estar neste lugar. O tecido nesta proposta criou formas diversas, se transformando também em cabana, em rede. Portanto acredito que “a tarefa mais importante da educação parece ser a educação da imaginação [...] a imaginação é a capacidade de olhar através da janela do real” (GIRARDELLO, 2006, p.51). O objetivo era contribuir para que as crianças passassem por experiências significativas, que extrapolasse uma estrutura temporal hierárquica das rotinas, que por muitas vezes dificultam a realização de um trabalho pedagógico pensado para experiências significativas, com tempos e espaços desconexos da realidade das crianças pequenas, mas que passam a ser naturalizadas. De acordo com Kátia Agostinho (2004, p. 09).

Pensar o espaço da creche a partir do que as crianças nos indicam revolucionaria. Mexe remexe, vira do avesso desafia-nos em nossa adultez controladora, normalizadora, impositora; mas aquela criança que todos fomos mora em nossos corpos, com marcas e cicatrizes, em nossas lembranças, com emoções, visões, cheiros, sons que insistentemente nos convidam a deixar-nos seduzir, embriagar pela magia da fluidez e da autenticidade infantil.

Uma ação pedagógica que respeite a criança e sua infância busca como proposta criar situações de interação e brincadeiras, ampliando o conhecimento através das múltiplas linguagens. É isso que deve fazer parte do ambiente de Educação Infantil, este deve ser um lugar de sonhos, fantasia, faz-de-conta, lugar de viver o imaginável, nadar em espumas, sentir a ‘neve’, viajar pelo mundo da imaginação. Um lugar de encontros entre criança-criança e criança-adultos, num movimento de alegria, brincadeiras, um lugar de expressão das *cem linguagens* infantis, de exercitar a sensibilidade na relação com o outro “isto é, aquilo que, sendo de fora de mim, sendo do outro, atinge-me, modifica-me, constitui-me, completa-me, diferencia-me, *altera-me*” (SCHMITT, 2011, p. 24).

Sabendo da importância do contato das crianças com as expressões artísticas, pois “o envolvimento das crianças com a arte é o melhor antídoto contra o congelamento do pensamento imaginativo” (GIRARDELLO, 2006, p. 56), propostas foram planejadas e organizadas. Permeada por uma visão que busca respeitar as crianças e compreende que suas “múltiplas linguagens chocam-se com a proposta de uma vivência única, cuja uniformização e homogeneidade são critérios para a organização e manutenção de sequenciação das atividades” (BATISTA, 1998, p.59). Para significar melhor essas experiências com os bebês escolheu-se oferecer duas propostas: a pintura do minhocão concomitante com a brincadeira com argila. Para oportunizar esta experiência foi reservado no espaço do solário, tintas de várias cores, junto com o minhocão, que já havia sido enchido com espuma na proposta anterior. Para a sala, trouxemos a mesa que ficava no solário para a proposição da argila, modificando a organização espacial. Como esclarece o registro:

Com o minhocão dispostos e tintas de varias cores a disposição Isabele pega o pincel mergulha na tinta e passa no minhocão deixando-o colorir-se, Brenda faz o mesmo movimento. O minhocão vai ganhando cores com a mão das crianças. Isabele, Khetelyn param um pouco a pintura e ficam observando a Brenda pintando. Enquato isto o Marcos e o Pietro estão em busca de novas cores. A Rayana experimenta a pintura vai para a argila volta para a pintura. Depois de tantas idas e vindas o minhocão ficou coberto de tinta e bem colorido e a sala ficou coberta de argila, o que deu um grande trabalho para limpar, mais a experiencia vivenciada no momento valeu muito. As crianças experimentaram a argila furando-a com a ponta dos dedinhos, com as mãos, com a bocas. (Registro de Campo, 2012).

Obteve-se vários significados dentro de uma proposta pensada para intensificar a experiência das crianças. Oferecendo a elas uma gama de materialidades, texturas, cores, instigando a curiosidade e a experimentação de acordo com seus próprios desejos e

temporalidade. Com a ajuda da professora, a argila se transformou em cobra, jacaré. “A Micaely pegou a cobra e usava para assustar os colegas, eles faziam que estavam assustados, ela corria atrás deles pela sala, rindo” (Registro de campo, 2012). O minhocão no outro dia estava com a pintura seca, trouxemos ele para sala. “O Wellington quando viu o minhocão, se jogou sobre ele abraçando-o e ficou deitado dando um belo sorriso” (Registro de campo, 2012).

Ao longo da intervenção, percebeu-se que muito mais do que mudar móveis de lugar, é significar, com e pelas crianças, os diversos espaços que a creche dispõe. Neste sentido, as proposições se direcionaram na busca, junto às crianças, aos outros espaços que a creche oferecia como propostas para novas aventuras. Seguindo as indicações das observações, percebeu-se que os bebês permaneciam muito tempo em sala, sem fazer uso dos outros espaços da instituição e de não frequentarem o parque grande, que geralmente é frequentado pelas crianças maiores. Segundo o relato da professora da sala, a mesma nem sabia que os bebês podiam frequentar aquele parque. Fez parte do planejamento uma tarde neste lugar, dispondo de variados brinquedos, que foram anteriormente selecionados e organizados junto com as crianças (motos, carrinhos de mão, bolas, pás, baldes, Um saco de bolinhas de plástico coloridas etc.) tendo como intencionalidade diversificar as brincadeiras, para além dos brinquedos do parque (escorregador, balanço, gangorra, casinha, brinquedo com pneus).

Considerando que “os adultos tem um papel fundamental no parque, para além do cuidado com a segurança das crianças, organizando e propondo brincadeiras, participando nas propostas feitas pelas crianças, povoando-o com novidades e trazendo novos elementos para habitá-lo” (AGOSTINHO, 2004, p.10). A organização do espaço do parque foi pensada para oferecer diversas possibilidades de interação e brincadeiras entre as crianças, das crianças com os adultos e das crianças com os objetos e com o espaço. Objetivando que a organização deste lugar pudesse garantir e atender as necessidades, os interesses e os direitos das crianças de brincar neste espaço.

A intenção era que as crianças vivenciassem experiências que determinassem o tempo das brincadeiras e das interações, e não o contrário. Os tempos e espaços geralmente são organizados de acordo com as rotinas da creche, sem uma preocupação para a experiência que a criança está tendo naquele momento. O que se leva em conta é o tempo do relógio, e não a relação da criança com as brincadeiras, com o faz-de-conta, com a imaginação, por isto a proposição se pautou em transformar este tempo em um momento significativo, organizado

para que elas vivenciassem plenamente essa experiência, fazendo uso de variadas propostas e objetos. Possibilitando liberdade e autonomia nas escolhas de relações com os objetos, com seus pares e adultos. Como mostra o registro:

O Pietro e a Kethelyn aproveitam para subir e descer do escorregador várias vezes enquanto a Rayana aproveitava a piscina de bolinhas feita com o pneu e algumas bolinhas coloridas de plástico. Ela jogava as bolinhas para o alto e sorri quando as sentia caindo em sua cabeça. Bem ao lado o Lucas cata as bolinhas que estão caindo pra fora. A Hemilyn esta concentrada brincando com uma pá enchendo o baldinho de areia. (Registro de Campo, 2012).

Neste lugar, os adultos quase não foram solicitados. As crianças estavam à vontade, mesmo sendo a primeira vez que se encontravam ali, buscando variadas interações, e construindo por si próprias suas experiências. Apesar de os adultos não estarem envolvidos com todas as crianças a todo o tempo “[...] à organização do espaço realizada com intencionalidade marcou a presença dos adultos junto às crianças neste lugar” (Schimtt, 2011, p.15), deixando-as seguras para vivenciar aquele momento e poder fazer suas escolhas, brincar junto ou acompanhada, na areia ou no balanço, de moto ou bolinha de sabão:

O Vitor e a Mayane estão brincando juntos na gangorra, ele troca varias vezes de lugar, enquanto segura um boneco do Homem-Aranha na mão procurando a posição que vai dar embalo no brinquedo. Senta no meio, mas ela não sai do lugar os dois se olham e ele troca a posição indo para a outra ponta até que a gangorra se movimenta e os dois continuam a brincadeira (Registro de campo, 2012).

O espaço, portanto deve ser observado, pensado, planejado e organizado de forma flexível e instigante, para que possibilite às crianças interagirem de forma autônoma, além de poderem significá-lo individual e coletivamente.

A Scheila não se sentiu à vontade na areia, pois passava grande parte do tempo no bebê-conforto, sem envolver-se nas proposições. Procuramos envolve-la com os brinquedos deixando a cadeirinha na sala e convidando a caminhar no parque, mas ela não estava gostando, e chorou quando sentiu a areia. Partindo do nosso olhar atento, buscamos possibilitar uma maneira para que pudesse interagir com esse espaço, colocamos um tapete de borracha para ela com alguns brinquedos. Ela se sentiu melhor interagindo com os brinquedos e lentamente foi brincando com a areia à sua volta, e logo estava passeando sem a ajuda dos adultos por todo o parque (Registro de campo, 23/05/2012).

A autonomia das crianças neste lugar possibilitou uma aproximação mais individualizada dos adultos com as crianças. “A propósito, a atenção individual precisa ocorrer, e sua qualidade depende também da confiança que os adultos depositam nas outras

crianças e no espaço que ele organiza” (FALK 2004 apud SCHIMTT 2011), ou seja, para que elas aproveitassem bem aquele lugar, os adultos envolvidos depositaram confiança nas suas ações. O espaço assim constituído se transforma em um terceiro educador. Nas palavras de Schimtt (2011, p.16):

O espaço, nessa perspectiva, representa um terceiro educador, junto com os demais profissionais da sala. Contudo não é um *educador* formado por si mesmo ou pelo acaso, mas sim pela ação humana, primeiramente pela ação dos adultos que, de forma consciente ou não vão circunscrevendo nele suas concepções a respeito das crianças, de seu papel de relações a serem ali vivenciadas. Ele se transforma num lugar pelas marcas sociais e pessoais que os sujeitos vão lhe conferindo em suas relações.

3.3 Agências das crianças, planejamento e indicativos para pensar a organização do espaço.

As crianças subvertem a ordem, criam além do proposto, dentro das suas múltiplas dimensões, elas inventam, imaginam, fazem, refazem. As crianças, segundo Corsaro (1997), são agentes ativos e criativos no seu processo de desenvolvimento e socialização, mas isto não acontece individualmente, elas recebem influências do coletivo, do social. Ou seja, o desenvolvimento humano é sempre coletivo e as transições são sempre produzidas coletivamente e partilhada com outros significados.

Para este sociólogo da infância, as observações, as brincadeiras, as conversas e as relações sociais das crianças mostram que elas não são meras receptoras de culturas, mais do que reproduzir, as crianças criam seus próprios significados, estratégias e mecanismos de ação (CORSARO, 1997). Elas além de reproduzirem a cultura do seu contexto cultural criam cultura na relação entre pares. Ou seja, nas brincadeiras infantis de faz-de-conta as crianças não estão apenas reproduzindo, mas também recriando e criando. Elas são agentes na apropriação criativa do mundo que as cerca:

O Vitor está pilotando a moto no espaço da sala, enquanto passeia pela sala encontra um pote plástico no chão, esse é utilizado pelas professoras para guardar um jogo de montar, mas no momento está vazia ali no chão. Vitor pega e põe na cabeça usando como capacete, sai andando com a moto até chegar a frente ao espelho. Ele para, se olha, sorri, continua a olhar, retira o capacete volta a coloca-lo na cabeça, depois continua o passeio pela sala, se olhando no espelho (Registro de Campo, 2012).

Neste jogo de faz-de-conta o Vitor faz uso do pote como capacete, ele cria seu próprio significado para este objeto. É agente ativo nesta brincadeira, com os movimentos sugestionou que aquele pote agora era um capacete. Neste movimento ele não está apenas representando o que ele já apreendeu da cultura da qual faz parte, mas está recriando através do faz-de-conta o sentido deste objeto. Sendo ator nesta brincadeira e mostrando sua capacidade imaginativa para criar novos significados para o pote, significando mais sua brincadeira.

O papel do professor, portanto, é de propor condições para as crianças diversificarem seu imaginário, propondo tempos e espaços para que elas usufruam desta dimensão lúdica que faz parte do ser criança. “[...] a educação dos sentidos tem uma função crucial, hoje. Ela é necessária para que a experiência das crianças seja mais rica, profunda e complexa, com mais possibilidades de criar: de criar novas coisas no mundo, de criar novos sentidos para as coisas que já são do mundo”. (GIRARDELLO, 2006, p. 52).

Valorizar a iniciativa dos pequenos, aquilo que surge de seus próprios desejos, aquilo que lhes dá satisfação, num movimento de liberdade e reconhecimento sobre o que as crianças têm capacidade de fazer, ser e escolher por ela própria faz parte de uma ação pedagógica emancipadora. As instituições de Educação Infantil, portanto, devem ser um agenciador das dimensões lúdicas das crianças fazendo da creche um lugar para fantasias, brincadeiras, lugar de alegria. Segundo Agostinho (2004, p.09),

As crianças vão interagindo com o espaço dando a ele significados diferentes, criando o novo, a partir do que está disponibilizado materialmente e imaterialmente, que são suas ideias, pensamentos, imaginação e fantasia, convidando-nos a resgatarmos nosso *homo ludens*, lançando sobre nós seu feitiço, fascinando-nos e cativando-nos, cheio de ritmo e harmonia.

As crianças estão o tempo todo se relacionando com o espaço, estando ou não este organizado para elas vivenciarem sua infância. Através das suas múltiplas linguagens, expressões, brincadeiras elas ressignificam o espaço da creche, dando outros sentidos, outros jeitos para além do proposto pelos adultos. Fazendo deste espaço um lugar de brincadeiras.

Um dos lugares preferido pelas crianças nas creches é o parque segundo Agostinho (2004). “O espaço do parque é o espaço da creche de grande expressão e encontros de liberdade. Nele as crianças encontram a chance instituída, permitida da brincadeira livre, [...] Nele é possível ir e vir de forma, mas fluida, fazer escolhas por si só”. Os momentos no

parque propiciam diversificadas formas de interações. “Estar ou não estar, ir ou ficar brincar ou não brincar, ficar só ou acompanhado; experimentar decisões, lidando com o convívio e confronto, furtivos e inusitados [...]” (AGOSTINHO, 2004, p.10). E é no espaço do parque que o Wellington se mostra agente em sua brincadeira:

Nesse momento de escolha das brincadeiras no espaço do parque, o que propicia a autonomia das crianças, fez com que o Wellington (onze meses) dentre tantas outras proposições encontrasse um pneu ali naquele lugar. Ele dispensa os outros brinquedos e busca o pneu para brincar. Já dentro do pneu, ele descobre que tem água em seu interior, fica encantado com a descoberta e passa a brincar com a água e utilizá-la para se molhar. O Marcos (um ano e quatro meses) quando viu o Wellington brincando com a água mostrou-se interessado na brincadeira e tentou participar entrando no pneu. O Wellington, no entanto, não quis dividir o espaço com o Marcos e o empurrou para fora. Percebendo que não teria como disputar o espaço, pois o outro menino estava sentado e bem à vontade naquele lugar, Marcos se posicionou ao lado, observando de fora e tentando descobrir de onde vinha à água que o Wellington utilizava para se banha. (Registro de Campo, 2012).

Nesse momento de escolha, o que propicia a agência das crianças, fez com que o Wellington surpreendesse com sua descoberta. Agostinho (2004) enfatiza que “[...] nestes outros sentidos e significados que vão empregando no espaço e em tudo que nele está contido,” elas nos indicam o tempo todo e a todo tempo que querem “para o espaço da creche um lugar para brincar, onde o sonho e a fantasia são possíveis, aguçando em nós o desejo de que elas nos enfeiticem” (Agostinho, 2004, p.09).

Diante de tudo o que as crianças nos indicam, sente-se a importância de se refletir sobre o planejar na ação pedagógica para os meninos e meninas que ocupam os espaços de educação infantil.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa nos fez perceber o quanto as crianças a partir de suas múltiplas expressões estão a todo tempo, afirmando que querem para o espaço da creche, um lugar para ser criança e vivenciar sua infância. Um espaço acolhedor para momentos de alegrias, brincadeiras, lugar para se divertir ficar só ou acompanhado, imaginar, criar, fantasiar, se movimentar, expressar, sonhar, desejar, vivenciando intensamente este momento tão importante de ser criança.

Mostram-nos que, mesmo quando o espaço não está organizado para atender seus direitos, necessidades e interesses, elas travam relações com o espaço e com as pessoas que fazem parte dele. Subvertem a ordem, nos enfeitiçam com suas diversas formas de ser, se relacionar, expressar suas múltiplas linguagens. Suas ações nos fazem refletir o quanto é urgente para nós, profissionais da pequena infância, alfabetizarmos nas suas múltiplas linguagens, expressões e dimensões, repensar a naturalização da lógica organizacional dos espaços nas instituições de educação coletiva que ainda seguem uma lógica centrada nos adultos.

Reconhecer o brincar como uma necessidade de humanização e direito das crianças. Pensar tempos e espaços para e com elas, espaços/lugares onde elas possam exercer o direito de ser criança, neste ambiente privilegiado de muitas relações. E que essas relações sejam baseadas no respeito profundo à infância tendo como ação pedagógica o cuidar e educar de forma indissociável. Que esta relação possa compor relações de humanização com afeto, carinho, compreensão, ambientando os pequenos, levando em conta suas especificidades.

Portanto pressuponho que os professores e professoras da pequena infância devam corroborar para que os tempos e espaços das instituições infantis sejam organizados transformando-os em lugares onde a imaginação, a criatividade, e a sensibilidade possam compor o educar e o cuidar.

Assim, esta pesquisa sobre a importância da organização do espaço no ato de educar e cuidar é apenas uma breve aproximação com o tema. Muitos estudos ainda são necessários para melhor aprofundar e refletir sobre este tema. Portanto, estas considerações não são finais, mas uma breve pausa para próximas pesquisas.

5. REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Kátia Adair. **O espaço da creche: que lugar é esse?** In: 27ª Reunião Anual da Amped: Caxambu/Minas Gerais, 2004.
- ARROYO, Miguel Gonzáles. **O Significado da Infância.** In: Simpósio Nacional de Educação Infantil. MEC: Brasília, 1994.
- BATISTA, Rosa. **A rotina no dia-a-dia da creche: entre o proposto e o vivido.** Florianópolis, SC. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.
- EDWARDS, Carolyn. **As Cem Linguagens da Criança: a abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância.** Carolyn Edwards, Lella Gandini, George Forman; Tradução Dayse Batista. - Porto Alegre: Artmed, 1999.
- BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Escola Infantil: Pra que te quero?** In: CRAIDY, C. M; KAERCHER, G. E. P. S. Educação Infantil pra que te quero? UFRGS: Porto Alegre, 1998.
- CERISARA, Ana Beatriz et al. **Partilhando olhares sobre as crianças pequenas: reflexões sobre o estágio na educação infantil.** In: Revista Eletrônica “Zero-a-Seis”. Florianópolis: CED/NUPEIN, v.05, 2002.
- CORSARO, William. **Ação coletiva e agência nas culturas de pares infantis.** Indiana USA: University, Bloomington, 2005.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **O Espaço Físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia da Educação Infantil.** Brasília: COEDI/MEC, 1997.
- FERNANDES, Maria Helena; TEIXEIRA, Mário. **Dicionário da Língua pedagógica.** Lisboa: Livros Horizonte: 1971.
- GIRARDELLO, Gilka. **A Imaginação Infantil e a Educação dos Sentidos.** In: LENZI, Lúcia; ROS, Sílvia; SOUZA, Ana Maria de; GONÇALVES, Marise (orgs). Imagem: Intervenção e Pesquisa. Florianópolis/SC: 2006.
- GUIMARÃES, Daniela; LEITE, Maria Isabel. **A pedagogia dos pequenos: uma contribuição dos autores italianos.** Trabalho apresentado na 22ª Reunião Anual da ANPED. Caxambu, 1999.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- KRAMER, Sonia. **Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças.** In: Cadernos de Pesquisa, n. 116, julho/2002.
- KRAMER, Sonia. **A infância e sua singularidade.** In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra; NASCIMENTO, Aricélia (org) Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a

inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

LIMA, Patrícia de Moraes (2011). **O Governo da Infância e a arte de cuidar de si**. In: SOUSA, Ana Maria Borges de; BARBOSA, Isabel Benfica. (orgs) Cuidar da Educação, Cuidar da Vida. Florianópolis/SC, p. 115-118.

LOURO, Guacira Lopes. **Conhecer, pesquisar, escrever...** In: Comunicação apresentada na V Anped Sul, Curitiba, abril 2004.

LUZ, Giordana Machado. **Psicologia Ambiental e Educação: uma forma de resgatar cidadania**. Florianópolis. Disponível em: <http://www.rizoma.ufsc.br/html/499-of10c-st4.htm>. Acesso em: 15 maio 2013.

NONO, Maévi Anabel. **Organização do Tempo e do Espaço na Educação infantil**. São José do Rio Preto. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/297/1/01d13t08.pdf>. Acesso em: 01 junho de 2013.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Planejamento na educação infantil: mais que a atividade, a criança em foco**. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). Encontros e encantamentos na Educação Infantil: Partilhando experiências de estágios. Campinas, SP: Papirus, 2000.

PINTO, Maria Raquel Barreto. **Tempo e Espaços Escolares: O (Des) Confinamento da Infância**. In: QUINTEIRO, Jucirema; CARVALHO, Diana Carvalho C. de. Participar, brincar e aprender: exercitando os direitos da criança na escola. Araraquara: Junqueira&Marin, Brasília: CAPES, 2007.

SIMIANO, Luciane Pandini. VASQUES, Carla Karnoppi. **Sobre Importâncias, Medidas e Encantamentos: O Percorso Constitutivo do Espaço da Creche em Um Lugar para os Bebês**. In: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 34 Reunião, 2009. Disponível em: <http://www.anped.org.br/>. Acesso em 16 mai. 2013.

SCHMITT, Rosinete Valdeci. **O encontro com bebês e entre bebês no contexto da creche: uma análise do entrelaçamento das relações entre sujeitos**. In: Eloisa Acires Candal Rocha; Sonia Kramer. (Orgs.). Educação Infantil: enfoques em diálogo. Campinas/SP: Papirus, 2011.

SMOLINSKI, Gigiane Paula; CARDOSO, Mariléia Faustino. **Compartilhando olhares, gestos, expressões... Vivenciando experiências**. Relatório de estágio – UFSC, 2012.